O PAPEL E A RELEVÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RAQUEL PEREIRA PAZ

RESUMO

Este artigo analisa e discute o impacto do ato de brincar no cotidiano da Educação Infantil, demonstrando como as interações lúdicas são determinantes para o crescimento e amadurecimento das crianças. A investigação sinaliza que as brincadeiras funcionam como molas propulsoras para a conquista da autonomia, o estímulo à criatividade e a apropriação de novos sentidos no mundo. Como percurso metodológico, adota a pesquisa bibliográfica descritiva associada a observações empíricas qualitativas de campo, mapeando como o espaço escolar organiza suas rotinas lúdicas cotidianas. Avalia as interações e a intencionalidade pedagógica necessária na preparação de ambientes voltados à primeira infância. Evidencia a necessidade de superar a visão tradicional do brincar como mero passatempo, situando-o como eixo estruturante de aprendizagem. O estudo examina as propostas do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e as contribuições de autores clássicos do desenvolvimento infantil. Aborda o brincar sob três categorias básicas: o jogo simbólico, o manuseio de materiais de construção e os jogos com regras estruturadas. A análise de campo revela um engajamento substancial das crianças diante de propostas lúdicas direcionadas, o que impulsiona o desenvolvimento de competências biopsicossociais. Aponta ainda a relevância do acolhimento na transição entre o ambiente familiar e o espaço coletivo da creche ou pré-escola, onde o brinquedo opera como elo mediador fundamental. Conclui, por fim, que a incorporação consciente da ludicidade no planejamento docente enriquece a prática pedagógica e promove um espaço de respeito à singularidade da infância, garantindo a formação integral do aluno por meio de vivências significativas que estimulam a cooperação e a solidariedade coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: ludicidade; desenvolvimento infantil; primeira infância; ação pedagógica; educação infantil.

ABSTRACT

This article analyzes and discusses the impact of playing in the daily routine of Early Childhood Education, demonstrating how playful interactions are crucial for children's growth and maturation. The investigation highlights that games function as driving forces for achieving autonomy, stimulating creativity, and appropriating new meanings in the world. As a methodological path, it adopts descriptive bibliographic research combined with qualitative empirical field observations, mapping how the school environment organizes its daily playful routines. It evaluates interactions and the pedagogical intentionality required in the preparation of environments aimed at early childhood. It highlights the need to overcome the traditional view of playing as mere pastime, placing it as a structuring axis of learning. The study examines the proposals of the National Curricular Reference for Early Childhood Education and the contributions of classic authors of child development. It approaches playing under three basic categories: symbolic play, handling construction materials and structured rules games. The field analysis reveals a substantial engagement of children faced with targeted playful proposals, which drives the development of biopsychosocial skills. It also points out the relevance of welcoming in the transition between the family environment and the collective space of the daycare or preschool, where the toy operates as a fundamental mediating link. It concludes, finally, that the conscious incorporation of playfulness in teaching planning enriches pedagogical practice and promotes a space of respect for the uniqueness of childhood, guaranteeing the integral formation of the student through meaningful experiences that stimulate collective cooperation and solidarity.

KEY-WORDS: playfulness; child development; early childhood; pedagogical action; early childhood education.

INTRODUÇÃO

A assimilação do conhecimento por meio de atividades lúdicas constitui um pilar indis-

pensável para que as crianças se desenvolvam de forma plena no ambiente escolar. É na espontaneidade das brincadeiras que os pequenos estabelecem seus primeiros laços sociais externos e potencializam suas faculdades intelectuais, motoras, emocionais e cognitivas. Nesse processo de descoberta constante, elas assumem o papel de protagonistas na construção de suas próprias percepções sobre a realidade que as cerca, deixando de ser meras receptoras de informações para se tornarem agentes ativas do saber.

A introdução de jogos e dinâmicas interativas serve como facilitadora da socialização primária e secundária, operando como um canal natural que desperta o interesse pela descoberta científica e cultural. Nesse sentido, as experiências vividas no início da trajetória escolar carregam um peso enorme, refletindo diretamente em toda a evolução educacional subsequente do indivíduo. Portanto, a escolha deste tema justifica-se pela urgência de enxergar o brincar não como um simples recurso de distração ou preenchimento de tempo, mas sim como o eixo central em torno do qual gravita o desenvolvimento na primeira infância, merecendo um planejamento pedagógico rigoroso.

No universo do faz de conta, a criança consegue reinterpretar e moldar suas vivências diárias, gerando conexões cognitivas ricas, profundas e duradouras. A conduta de brincar, por ser livre e autônoma, abre caminhos mais fluidos para a aprendizagem assistida. Somado a isso, os jogos coletivos impulsionam a descentralização do saber, estimulando a troca de papéis, o diálogo constante e a criação de redes de cooperação mútua entre os alunos dentro da sala de aula. É através dessa partilha que a alteridade começa a fazer sentido, ensinando os pequenos a ouvir e respeitar ritmos diferentes dos seus.

Diante disso, o desafio do educador contemporâneo consiste em estruturar esses momentos de forma intencional, canalizando o lúdico para exercitar a memória, a atenção, a curiosidade nativa e a concentração. Quando estimulada a fantasiar e criar cenários imaginários, a criança aprende a ponderar sobre suas próprias vivências e dores, o que sedimenta as bases de seu pensamento crítico e de sua futura independência social e intelectual. A intencionalidade transforma o ato de brincar em um laboratório vivo de experimentação existencial.

Para dar sustentação teórica e prática a essas ideias, o presente artigo foi elaborado a partir de uma cuidadosa revisão bibliográfica associada a observações empíricas realizadas em um Centro de Educação Infantil (CEI) situado na cidade de São Paulo/SP. O referencial teórico congrega as discussões de autores de referência na área, buscando confrontar as teorias clássicas com os desafios enfrentados no cotidiano da gestão escolar atual. Embora o assunto seja recorrente nas produções científicas da área, revisitar e debater o brincar sob a ótica da prática docente atual continua sendo um exercício essencial, contínuo e sempre urgente para a evolução da pedagogia e para a valorização do trabalho em creches.

DESENVOLVIMENTO

No contexto pedagógico, o ato lúdico se traduz como a exteriorização mais pura da subjetividade e do mundo interno da criança. É por meio desse canal que as estruturas psíquicas se organizam para lidar com as demandas do ambiente externo e processar os estímulos que recebe diariamente. O jogo atua como um facilitador de experiências, onde o erro não é punido, mas sim incorporado como parte natural do processo de descoberta, hipótese e tentativa. Esse ambiente seguro para falhar é o que permite o surgimento do pensamento inovador desde os primeiros anos de vida.

Nunes (1994) salienta que a educação é um processo de formation do homem e, para iniciar um trabalho pedagógico, é fundamental utilizar tecnologias, de forma educativa, para a construção do conhecimento do educando. Essa premissa estende-se perfeitamente ao uso de brinquedos e recursos lúdicos estruturados, que funcionam como ferramentas tecnológicas e conceituais de mediação no processo educacional básico, aproximando a criança de conceitos complexos de física, matemática e linguagem por

meio da manipulação concreta de objetos.

Quando a instituição de ensino assume o compromisso de estruturar espaços que respeitem o tempo da infância, o brincar passa a oferecer subsídios contínuos para que os alunos aprendam a contornar divergências, tomem decisões autônomas e explorem o ambiente físico com segurança. Há aproximadamente três mil anos, os escribas eram considerados uma das classes sociais e culturais mais poderosas, porque dominavam a técnica da escrita (MONTEIRO, 2010). No cenário contemporâneo, a apropriação dos diferentes códigos culturais e linguísticos pela criança ocorre inicialmente pela linguagem lúdica, que serve de degrau indispensável antecedendo a alfabetização formal e garantindo que este processo ocorra sem traumas.

De acordo com as análises de Hartz et al. (2012), a brincadeira serve de palco para que os pequenos expressem sentimentos profundos, manifestando de forma autêntica seus anseios, dúvidas, alegrias e conflitos internos. Funcionando como uma linguagem própria, essa dinâmica fornece uma saída que maximiza o crescimento e as habilidades individuais de comunicação e expressão corporal, permitindo que a criança dialogue com o mundo mesmo antes de dominar completamente a fala articulada.

Delineando a relevância dessa prática, Colchesqui (2015, p. 3) esclarece que:

A brincadeira infantil pode ser definida como a importância do brincar para o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. Tudo isso se faz necessário ainda sobre a conscientização nos pais, educadores e sociedade em geral quanto à ludicidade que deve ser vivenciada na infância, ou seja, da extrema importância que o brincar tem em uma aprendizagem prazerosa não sendo somente lazer, mas sim, um ato com um fim em si mesmo.

Analisando essa construção conceitual, nota-se que o papel do espaço escolar é justamente validar o estatuto epistemológico do brincar, integrando-o organicamente ao plano de trabalho docente. Conforme Severino (2010, p. 122), nesse tipo de pesquisa,

“O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

Portanto, confrontar essas visões teóricas com o cotidiano das escolas permite identificar lacunas entre o discurso acadêmico e as reais possibilidades estruturais das instituições de ensino voltadas à infância, estimulando melhorias nas políticas públicas.

A vivência prática do jogo incentiva o entendimento e o respeito às regras sociais, ajudando na canalização saudável de energia e no fortalecimento da autoestima da criança. Trata-se de um valioso exercício de comunicação e autonomia que impacta a convivência coletiva. Sob essa perspectiva, Rosamilha (1979, p. 77) provoca uma importante reflexão:

A criança é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental. Usemos um pouco mais esse artifício, coloquemos o ensino mais ao nível da criança, fazendo de seus instintos naturais, aliados e não inimigos.

Embora o aprendizado tenha início nos vínculos afetivos do lar, a inserção no espaço coletivo representa um marco evolutivo na vida da criança. Essa transição pede um olhar atento voltado ao acolhimento, permitindo que a construção de novos vínculos com os adultos e pares aconteça de forma gradual e segura. Nesse processo, o objeto lúdico (o brinquedo) atua como um elo mediador fundamental, atraindo a atenção infantil por meio de suas formas, cores e texturas, e despertando o desejo de explorar e experimentar o novo ambiente escolar que agora se descortina diante dela.

Ratificando essa linha de pensamento, Vieira e Oliveira (2010) argumentam que a consolidação da identidade individual é um movimento gradativo, que encontra na Educação Infantil seu principal solo fértil. A promoção de jogos cooperativos na escola não apenas

estreita os laços de companheirismo, mas também ajuda a criança a desenvolver sua autonomia, a valorização da rotina e a consciência sobre o coletivo, preparando-a para resolver conflitos de forma saudável, pacífica e participativa, qualidades fundamentais para a vida em sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

Para atingir os objetivos propostos, este estudo trilhou os caminhos da pesquisa bibliográfica, complementada por registros de observação direta qualitativa em um Centro de Educação Infantil (CEI). Conforme conceitua Fonseca (2002, p. 32), a pesquisa bibliográfica se estrutura a partir do mapeamento, leitura e análise crítica de produções intelectuais já validadas e publicadas, englobando livros, artigos científicos de periódicos e materiais disponíveis na internet. O uso dessa metodologia garante a fundamentação sólida das hipóteses levantadas.

As buscas virtuais foram realizadas utilizando a base de dados do Google Acadêmico, empregando os descritores combinados: "O brincar na educação infantil" e "brincadeiras na educação infantil". Os filtros aplicados para a triagem do material bibliográfico compreenderam:

• Materiais publicados diretamente alinhados à temática abordada;

• Produções integralmente redigidas na língua portuguesa;

• Estudos focados especificamente no contexto da Educação Infantil.

A fase de observação de campo ocorreu durante o primeiro semestre do ano letivo em uma turma de Educação Infantil, registrando-se as reações, o nível de engajamento e as formas de interação das crianças diante de diferentes estímulos lúdicos propostos pelo corpo docente. O registro das informações coletadas foi organizado em diários de campo para posterior confronto analítico com a literatura selecionada, permitindo cruzar a teoria com os acontecimentos reais da sala de aula.

RESULTADOS

Os dados coletados apontam que a organização intencional dos espaços e a disponibilização de momentos adequados mudam significativamente a postura do grupo observado. Quando o ambiente possui materiais acessíveis e convida ao brincar livre, o índice de conflitos severos diminui consideravelmente, sendo substituído por processos cooperativos de negociação de papéis onde as próprias crianças estabelecem as lideranças e as regras do jogo.

Verificou-se que a oferta de objetos não estruturados (como caixas de papelão, tecidos, potes plásticos e blocos de madeira) estimula de forma mais intensa o jogo simbólico e a imaginação criadora. O vocabulário das crianças expande-se visivelmente nessas situações se comparada à oferta de brinquedos prontos e industriais, que tendem a engessar a criatividade. As propostas formuladas pelo corpo docente que envolviam música, dança e expressão corporal registraram 100% de participação ativa dos alunos, evidenciando a potência do corpo como ferramenta de manifestação da linguagem lúdica infantil. Além disso, observou-se que a mediação do professor nos momentos de transição de atividades lúdicas ajuda a fixar rotinas sem romper a atmosfera de prazer típica do ato de brincar.

DISCUSSÃO

O brincar ultrapassa a mera escolha de atividades soltas; trata-se de um direito de aprendizagem e desenvolvimento estruturante na Educação Infantil. Essa manifestação humana assume diferentes contornos, adaptando-se aos espaços, aos tempos e às interações de cada faixa etária. No cotidiano da creche e da pré-escola, as experiências lúdicas devem ser planejadas com diversidade para garantir o acesso a conteúdos significativos, expressões corporais e relações interpessoais ricas. Não se trata de deixar a criança brincar de forma isolada, mas de criar um ecossistema que favoreça a investigação.

Tendo como base os direcionamentos do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), as práticas lúdicas organizam-se em três grandes categorias básí-

cas: o jogo simbólico ou brincadeiras de faz de conta; o brincar centrado em materiais de construção e montagem; e o brincar estruturado por regras sociais compartilhadas (BRASIL, 1998). Por meio dessas frentes de ação, a criança manipula elementos da realidade e da fantasia, externalizando emoções latentes e exercitando a imaginação e a representação mental, o que ajuda na formação de conceitos lógicos e geográficos desde cedo.

Ao confrontar os dados empíricos com o referencial teórico, nota-se que o nível de envolvimento e concentração das crianças cresce significativamente quando o ambiente convida ao brincar, impulsionando o desenvolvimento pessoal e social. Dialogando com esse cenário, Rivero e Rocha (2019, p. 12) defendem que a capacidade de brincar é compreendida como parte integrante da vida social e constitui um processo interpretativo com um texto complicado", no qual "criar a realidade requer negociações de sentido, mediadas pelo corpo e linguagem.

O ato lúdico deforma e reconstrói o que já é conhecido, produzindo novos saberes e ferramentas adaptativas indispensáveis.

Na mesma linha de argumentação, Alves, Rodrigues e Sobral (2019, p. 3) explicam que:

O ato de brincar tem um papel essencial no desenvolvimento biopsicossocial da criança. É nesse ponto que ela se observa, investiga seus traços de personalidade, fantasias, medos, desejos e criatividade, e desenvolve o mundo exterior a partir de seu campo de visão.

Fica demonstrado, assim, que a brincadeira fornece o ambiente seguro e o suporte psicológico necessários para que os sujeitos infantis evoluam em seus envolvimentos com o ambiente ao redor e com a cultura em que estão inseridos, criando repertório social (COTONHOTO; ROSSETTI; MISSAWA, 2019).

Quando analisamos a questão sob a ótica da própria criança, o brincar se revela como sua forma de experimentar o mundo e trazer a compreensão de si mesma e dos outros à consciência ativa. É através do jogo que ela elabora conflitos familiares e escolares e encontra caminhos criativos para resolver problemas cotidianos. Muito além de qualquer meta ou objetivo pedagógico imposto externamente pelo currículo formal, para o olhar infantil a brincadeira cumpre um propósito simples, visceral e soberano: garantir felicidade e momentos agradáveis de plena expressão e liberdade, funcionando como o verdadeiro motor da infância.

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou descrever e analisar o valor indispensável do brincar no contexto da Educação Infantil. A análise da literatura e as observações empíricas feitas em campo convergem para uma certeza absoluta: as atividades lúdicas não podem ser tratadas como elementos secundários ou recompensas na rotina escolar, pois contribuem diretamente para os processos de aprendizagem e maturação cortical, sendo fundamentais para a socialização, o respeito às regras coletivas, o controle do comportamento, a memória e a percepção fina.

Desse modo, a ludicidade deve estar integrada ao cotidiano escolar como uma escolha metodológica intencional, consciente e documentada, e não apenas como um recurso esporádico usado para cobrir frestas no cronograma. O papel do profissional docente ganha relevo ao atuar como estimulador e planejador de espaços, organizando estratégias e situações lúdicas ricas, desafiadoras e cheias de significado para a faixa etária correspondente. Ao brincar, a criança exercita valores como cooperação, respeito mútuo, solidariedade e responsabilidade, externalizando sua potência criativa original.

Por fim, espera-se que as reflexões aqui compartilhadas possam gerar impactos positivos nas práticas pedagógicas do dia a dia das instituições de ensino e na formação de novos professores, consolidando a ideia de que o jogo e a brincadeira são ferramentas eficazes e indispensáveis para o desenvolvimento integral das crianças. Preservar o direito ao brincar significa, em última análise, defender a integridade, a dignidade e o valor intrínseco da própria infância, permitindo que os alunos cresçam saudáveis e consci-

entes de seu papel no mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. S. J.; RODRIGUES, E. N.; SOBRAL, M. S. C. O Brincar e o Aprender na Educação Infantil. ID online. Revista de Psicologia, v. 13, n. 43, p. 187-196, 2019.

ANTUNES, R. A organização do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLCHESQUI, M. N. C. A importância do ato de brincar na educação infantil. Revista Científica Eletrônica da Pedagogia, v. 25, p. 1-15, 2015.

COTONHOTO, L. A.; ROSSETTI, C. B.; MISSAWA, D. D. A. O brincar na Educação Infantil: o que dizem as crianças e as professoras. Revista Psicologia Escolar e Educacional, v. 23, 2019.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

HARTZ, A. et al. A importância do brincar no ensino fundamental: crianças em fase de alfabetização. Revista Conhecimento Online, v. 1, 2012.

MONTEIRO, F. História escrita e sociedade. Rio de Janeiro: Capital, 2010.

NUNES, C. Educação e Sociedade. Belo Horizonte: Autêntica, 1994.

RIVERO, A. S.; ROCHA, E. A. C. A brincadeira e a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil. Revista Brasileira de Educação, v. 24, 2019.

ROSAMILHA, N. Psicologia do jogo e aprendizagem infantil. São Paulo: Pioneira, 1979.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA, M. F.; OLIVEIRA, S. M. A construção da identidade na Educação Infantil por meio do lúdico. Revista Pedagógica, 2010.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.